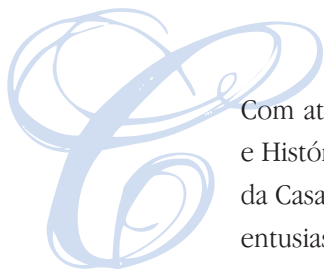




CAPÍTULO 10

OS SECRETÁRIOS-GERAIS

OS SECRETÁRIOS-GERAIS

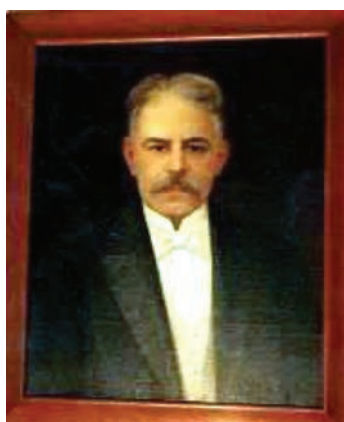


Com atribuições estatutárias de grande porte, os Secretários do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia tiveram um papel muito importante na consolidação do prestígio da Casa da Bahia, através do gerenciamento competente, exercido sempre com muito entusiasmo e desprendido amor.

O primeiro Secretário do Instituto foi o Dr. Antônio Calmon Du Pin e Almeida que, ao lado do Dr. Tranquilino Leovigildo Torres, ajudou-o deliberadamente no processo de fundação do Instituto.

Exercendo, durante 36 anos, a Secretaria da Casa da Bahia, o Dr. Bernardino José de Souza contribuiu decisivamente, usando a força da sua inteligência e o prestígio que desfrutava junto à sociedade baiana, para construir a atual sede do Instituto, inaugurada no dia 2 de julho de 1923, quando se festejava o I Centenário da Independência da Bahia.

Um Secretário-Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, co-autor desta retrospectiva histórica, foi o Prof. Nilson Joau e Silva, eleito em 16/8/1999, para complementar o mandato do Dr. Manoel Bonfim Dias Ribeiro, findado em 31/12/1999, mas reeleito para o período de 1/1/2000 a 31/12/2001.



1.º SECRETÁRIO-GERAL

DR. ANTÔNIO CALMON DU PIN E ALMEIDA

PERÍODO: 1894-1896

ANTÔNIO CALMON DU PIN E ALMEIDA nasceu em Salvador-BA, a 2 de julho de 1871, filho do almirante Antônio Calmon du Pin e Almeida e de Dona Maria dos Prazeres de Góes Calmon.

Diplomado em Direito pela Faculdade de Recife, em 1891, advogou no foro baiano, tendo sido um político de grande influência e larga popularidade.

De coração generoso e inteligência lúcida, era capaz de todos os sacrifícios pelos amigos e correligionários. Gozou de raro prestígio na cidade do Salvador, contando-se que, em certa eleição, para desafiar a maledicência dos adversários, seis meses antes não arredara o pé de casa, obtendo milhares de sufrágios nas urnas como cabeça de chapa. Provou, assim, que era sólido, politicamente, tendo o seu prestígio raízes profundas.

Foi representante da Bahia na Câmara Federal da primeira República, na sétima legislatura, no período de 1909 a 1911; na nona legislatura, no período de 1915 a 1917; na décima terceira legislatura, no período de 1927 a 1929 e, na décima quarta, no período de 1930 até sua morte em 1931.

Como deputado federal pela Bahia, prestou à nossa terra, bons e generosos serviços.

Ao lado do Dr. Tranquilino Leovigildo Torres, fundador e primeiro Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, participou de todas as reuniões preliminares, tendo sido um dos signatários da carta-convite dirigida aos homens de letras e ciências da época, para que aderissem à fundação do referido Instituto. No dia 13 de maio, quando da instalação e fundação da nova entidade, o Dr. Tranquilino Torres foi aclamado Presidente, convidando, de imediato, o Dr. Antônio Calmon du Pin e Almeida para compor a mesa, na condição de Secretário.

Depois de uma vida pública atuante, faleceu no dia 27 de novembro de 1931, em Salvador.

(BULCÃO SOBRINHO – Antônio de Araújo de Aragão. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Rio, vol. 263, p.55.)



2.º SECRETÁRIO-GERAL

JOÃO NEPOMUCENO TORRES

PERÍODO: 1896 -1913

JOÃO NEPOMUCENO TORRES nasceu a 16 de maio de 1855, na Rua das Portas do Carmo, hoje Alfredo Brito, freguesia da Sé, Salvador-BA, filho de Belarmino Silvestre Torres e Dona Maria da Purificação da França Torres. Foi aluno do Colégio São João, localizado na Vitória, onde fez o curso de Humanidades. Estudou depois em Recife, onde se diplomou Bacharel de Ciências Jurídicas, em 7 de novembro de 1876.

Depois de formado, foi Juiz Municipal e de Órfãos da Câmara de Brejo Grande, hoje Ituaçu-BA, em 1877. Em 28 de julho de 1878, casou-se com sua prima Adélia de Caldas Brito Torres, filha de Gustavo Caldas Brito e D. Ana Joaquina de Caldas Brito, munícipes de Feira de Santana, onde contraiu o casamento. O casal teve nove filhos em diversos municípios do interior, embora os dois últimos nascessem em Salvador.

Em 1890, pelo governo Provisório foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Vila Nova da Rainha, (hoje, cidade do Senhor do Bonfim).

Em 1892 foi removido para a Comarca da Capital, como Juiz de Direito.

Em 1894, escreveu sobre “A Lapa da Mangabeira”, Vila do Brejo Grande, hoje Ituaçu.

Em 1897, após brilhante concurso, foi nomeado para o Tribunal de Apelação e Revista, onde ocupou o cargo de Vice-Presidente, de forma continuada.

Em 1897, organizou a Homenagem do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ao Padre Antônio Vieira, no bicentenário de sua morte.

Em 1899, publicou as seguintes obras: “Cúmulos e Dicionário Humorístico”; a “Gíria Brasileira”, com as iniciais J. T.; e “Notícias Históricas sobre o Colégio dos Órfãos de S. Joaquim”, do qual fora Escrivão.

Em 1900, em comissão com os Drs. Salvador Pires de Carvalho Albuquerque Jr. e Eustáquio Primo de Seixas, organizou a “Consolidação da Lei do Processo Civil, Comercial e Criminal do Estado da Bahia”, em 4 volumes.

Em 1910, foi o organizador da homenagem do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, ao grande poeta

Antônio de Castro Alves – 1847/1871 (primeiro volume).

Em 1911, fez, em colaboração com o Eng.º Alfredo de Carvalho, os “Anais da Imprensa Baiana”, por ocasião, do primeiro centenário, ocorrido em 14 de maio de 1911. Figurou no Dicionário de Intelectuais Baianos, organizado por Afonso Costa.

Foi redator da revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e colaborador de muitas outras, dentre elas, da Revista dos Tribunais da Bahia. É também autor do livro “Das Efemérides”, trabalho de fôlego, que ficou inédito.

Era sócio fundador do Instituto Geográfico Histórico da Bahia, instituição a que serviu devotadamente, sendo seu Secretário-Geral até a morte.

Depois de seu falecimento, foram-lhe prestadas homenagens, como a colocação de uma placa de prata na carteira que ocupava, bem como teve o seu retrato colocado na Secretaria do Instituto.

Foi na Cada da Bahia o continuador da obra iniciada pelo irmão Tranquilino Leovigildo Torres.

Referindo-se a João Nepomuceno Torres, disse Satyro Dias

“...que ele serviu ao Instituto com tanto amor e dedicação e identificou-se de tal maneira que, durante longos anos, o Instituto Histórico foi ele e, ele, o Instituto Histórico.”

Faleceu no dia 4 de janeiro de 1913, com 57 anos de idade.

Em 1922, como homenagem, o seu retrato passou a figurar na sala do Fórum de Candeúba.

(SILVA – Nilson Joau e. Dados extraídos de publicações diversas.)



3.º SECRETÁRIO-GERAL

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA

PERÍODO: 1913–1949

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA nasceu a 8 de fevereiro de 1884, no Engenho Murta, em Vila Cristina, hoje município de Cristinápolis-SE, filho do Coronel Otávio de Souza Leite e D. Filomena Maciel de Faria, casados no dia 12 de outubro de 1878, no Engenho Canabrava de Baixo.

Estudou as primeiras letras na terra natal e teve, como primeira professora, D. Maria Secundina de Gouveia. No entanto, diante dos laços de gratidão e de família, que ligavam o Prof. Ernesto Carneiro Ribeiro ao seu pai, foi Bernardino entregue, em Salvador, aos cuidados desse grande educador, que foi para Bernardino o seu segundo pai, dele havendo merecido, por todo o tempo em que viveu, um alto sentimento de estima e respeito. Em segundo lugar, pelo fato de haver realizado os seus estudos primários e secundários – os tão falados preparatórios

– no Colégio Carneiro Ribeiro. E, finalmente, por haver casado, anos após, com a filha dileta do seu Diretor, D. Olívia Carneiro.

Aos 16 anos de idade, matriculou-se na Faculdade de Direito da Bahia, concluindo o curso de bacharel em Direito no dia 8 de dezembro de 1904, tendo sido escolhido o orador da turma, dadas as suas qualidades de jovem aplicado e inteligente.

Professor por vocação, desde cedo lecionou Geografia, História Universal e do Brasil no próprio Ginásio Carneiro Ribeiro, onde fez o curso de Humanidades.

Em 1915, tornou-se catedrático da Faculdade de Direito da Bahia. Apesar de ser professor universitário, continuava ensinando nos colégios secundários de Salvador, ocasião em que foi nomeado catedrático de História Universal do Colégio da Bahia.

Não sendo vocacionado para a política, mesmo assim teve fugaz passagem, elegendo-se deputado estadual nas legislaturas consecutivas de 1905 a 1908.

Na administração pública, exerceu os seguintes cargos: Diretor do Ginásio da Bahia, Diretor da Faculdade de Direito e Secretário de Estado na interventoria do Dr. Artur Neiva.

Deixando a Bahia em 1934, radicou-se no Rio de Janeiro, em razão da sua nomeação de membro da Câmara de Reajustamento Econômico, ocorrida no dia 9 de março daquele ano. Em 19 de março de 1937 foi nomeado para o cargo de Ministro do Tribunal de Contas Federal, tendo sido eleito seu presidente.

Motivado pelo I Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, em 1909, apresentou a memória sob o título de “Nomenclatura Geográfica Peculiar ao Brasil”, tese que originou um dos livros mais notáveis, cuja primeira edição foi lançada em 1910. Revista e ampliada, a segunda edição saiu em 1917. A terceira edição, lançada em 1927, teve o seu título modificado para “Onomástica Geral da Geografia Brasileira”.

A quarta edição, lançada em 1939, também teve o seu título modificado para “Dicionário da Terra e Gente do Brasil. Ao escrever-lhe o prefácio, disse Afrânio Peixoto: “...Podendo dar-se ao luxo de um novo nome, como os heróis que os títulos nobiliárquicos transfiguram.”

Em 1913 publicara “Por Mares e Terras”, prefaciado por Theodoro Sampaio, seu amigo incondicional.

Somente em 1938, Bernardino José de Souza voltou a produzir um trabalho de fôlego, ao apresentar, no III Congresso de História, a sua tese “A Bahia na História Nacional”, que, sob a forma de livro, foi lançado em 1939, no Sul do país.

Somente após a sua morte, ocorrida em 4 de janeiro de 1949, foi editada a obra à qual dedicou seu maior esforço – “O Ciclo do Carro de Bois no Brasil”, lançado em São Paulo no ano de 1958.

Ao analisar a figura extraordinária de Bernardino José de Souza, torna-se difícil separar o historiador do geógrafo, do jurista, do político e do professor. Todas essas facetas se fundiram de modo perfeito, na sua personalidade marcante. Destacar uma apenas, dentre tantas, será, certamente, desfigurá-lo.

O seu “Dicionário da Terra e Gente do Brasil” é uma obra que encanta. A seriedade e profusão de informes demonstra que o seu autor era de uma cultura enciclopédica. Nesse Dicionário misturam-se noções de geografia e de história, informações sobre os termos regionais, usados para designar acidentes ou fatos, esclarecimentos referentes aos eventos que marcaram a evolução histórica e cultural do Brasil.

Em 1912, em sessão solene realizada no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o biografado pronunciou conferência laudatória à figura do Barão do Rio Branco. Ao se analisar a sua conferência, não se sabe quem por ele falou, a considerar que eram tantos num só, num único Bernardino. Por vezes, tem-se a impressão nítida de que fala o geógrafo, por outros, o historiador, ou ainda, o político ou o professor de Direito Internacional – sua disciplina na Faculdade de Direito. Em depoimento pessoal feito ao Prof. Adalício Nogueira, Bernardino confessaria que o Barão do Rio Branco seria o seu ídolo, “se houvesse um ídolo humano”.

No entanto, a sua obra maior foi “O Ciclo do Carro de Bois no Brasil”, que pode ser considerada a mais ori-

ginal já feita por um historiador no Brasil. Com base num material coletado pacientemente por anos a fio, abriu para os seus leitores novos e amplos horizontes suscetíveis de serem explorados.

“O Ciclo do Carro de Bois no Brasil” é, sem dúvida, uma obra de exceção nos quadros da literatura nacional, não existindo outro que trate com mais detalhes e precisão documental, um objeto tão simples e vulgar, como o carro de bois. Por que Bernardino se preocuparia por ele? O próprio autor responde, nas primeiras páginas do texto, ao transcrever na íntegra, a carta, datada de 11 de junho de 1943, que sua filha Maria Berenice endereçou a certo amigo da Bahia, que lhe solicitara informações sobre o pai.

“O seu mestre anda atarefado com o livro a respeito do CARRO DE BOIS. Dias há, em que mal o vejo. Absorvido nos seus capítulos, pesquisando quanta coisa interessante existe, escrevendo ou respondendo cartas, esboçando novos trechos, vive a tarefa abnegada de buscar, na passada dos séculos o humilde carro de boi e, com ele, percorrer as etapas por que atravessou o Brasil. Acompanha-o passo a passo, revivendo lendas, usos, costumes, descrevendo-lhes os contornos, elevando-o do nível das nossas lembranças mais queridas. Nada mais, nada menos do que a vontade de voltar. O meu velho engana, desse modo, a sua nostalgia, a saudade da sua meninice, transportando para o papel, hora por hora, instante por instante, o velho carro típico do seu sertão longínquo. E, ao descrevê-lo, através do tempo, erguem-se no seu coração, recordações inapagáveis, absolutamente ligadas à paisagem sertaneja. Nelas se refugia, numa ânsia incontida de tudo anular, um esforço sobre-humano de fazer ressurgir, novamente, com intensidade, nessa quadra da vida, a sua infância, agora tão reduzida e distante”.

O Bernardino romântico e sentimental aceita a explicação da filha, e a transcrevendo em seu livro, lhe garante foros de autenticidade. Como ele próprio afirma, seu livro “fixa o CARRO DE BOIS no cenário do trabalho brasileiro desde os primeiros dias”.

Quem quer que analise a trajetória do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, há de, irremediavelmente, vinculá-lo ao vulto empreendedor e patriótico de Bernardino José de Souza.

Quem quer que se detenha na leitura dos velhos registros da instituição não deixará de reconhecer a ação enérgica empreendedora e patriótica do maior dos seus timoneiros, o professor e escritor acima mencionado.

A força dessa afirmativa, tão veraz quanto categórica, se firma na indiscutível evidência de que, nem mesmo os seus fundadores, aqueles idealistas, que o conceberam e instituíram nos idos de 1894, dedicaram tanto amor à instituição, quanto aquele sergipano notável.

Tendo sido o construtor da sede atual do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, inaugurada no dia 2 de julho de 1923, também fez erguer o monumento da Independência na Bahia, quase que exclusivamente com subscrições públicas. Anos depois, repetiu igual ação, edificando com ajuda de mestres e alunos, o prédio da Faculdade de Direito, hoje sede da Ordem dos Advogados da Bahia.

Tendo adoecido gravemente, faleceu no dia 4 de janeiro de 1949, no mesmo ano em que, na sua terra de adoção, a Bahia, seriam comemorados os 400 anos de instalação do governo geral e fundação da cidade do Salvador. Nessa oportunidade, ocorreu o I Congresso de História da Bahia, promovido pelo IGHB, de onde fora Secretário Perpétuo, estimado e respeitado pelos seus confrades.

Sua memória, contudo, viva até hoje, se mantém na Casa da Bahia, a iluminar os passos dos que nela mourejam, para engrandecimento da Boa Terra e das tradições da gente baiana.

(SILVA, Nilson Joau e. Fontes de consulta: Biografias de Consuelo Pondé de Sena, de Waldir Freitas Oliveira e Waldemar Mattos.)



4.º SECRETÁRIO-GERAL,

FRANCISCO DA CONCEIÇÃO MENEZES

PERÍODO: 1950-1959

FRANCISCO DA CONCEIÇÃO MENEZES nasceu a 6 de agosto de 1896, na cidade do Salvador-BA, filho de Francisco Henrique da Conceição Menezes e D. Dorothéa Maria de Almeida Menezes. Tendo vivido uma infância até certo ponto desolado, pois, segundo confidenciou ao seu amigo fraterno, Prof. Dr. Nelson de Oliveira, fora uma “criança sem brinquedos”. Em compensação, teve a ventura de possuir pais carinhosos e de rigores educativos, com vistas ao futuro.

Em 1917 diplomou-se pela Escola Normal da Bahia e, uma década depois, ingressava na Faculdade de Direito da Bahia, tendo feito os cursos preparatórios no Ginásio da Bahia, vindo a colar grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1930, com o diploma assinado pelo Diretor Bernardino José de Souza que, com ele, tantas aproximações e afinidades manteria, inclusive de terem sido ambos Secretários Perpétuos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Na Faculdade de Direito, prestou assinaláveis serviços, ora como auxiliar na revisão e reorganização do arquivo, ora como Secretário – sempre muito ligado aos ilustres Profs. Nelson de Oliveira e Bernardino José de Souza -, ora como partícipe da memorável lida para erigirem-lhe a nova e majestosa sede da Faculdade.

A afeição que irmanava Conceição Menezes e Nelson de Oliveira fê-los abrir juntos um escritório de advocacia, para cuidar de causas cíveis e comerciais. A sociedade, como era de se esperar, não deu certo, porque as obrigações do magistério, vividas por ambos, não permitiriam um trabalho forense exercido com responsabilidade.

Foi como professor que o Dr. Francisco da Conceição Menezes encontrou o seu caminho, a sua verdadeira vocação, bem como o seu destino.

Conceição Menezes foi um grande mestre e, no seu entender, ensinar é a profissão que dignifica, semeando o bem. Para ele, não existia nada mais benéfico do que ensinar.

A infância, a adolescência e a juventude receberam de Conceição Menezes deveres da orientação educativa. Com argúcia psicológica, segredo do seu grande êxito de mestre, ensinou no curso primário e de preparatórios, no Liceu Salesiano do Salvador; ensinou História da Civilização, no Ginásio Carneiro Ribeiro; ensinou História Universal e do Brasil, a sua cátedra efetiva. Mas as suas atividades docentes não ficaram somente no plano secundário. A Universidade da Bahia reclamou-lhe a competência confiando-lhe as cadeiras de Geografia Econômica, na Faculdade de Ciências Econômicas; de História da Arte, na Escola de Belas Artes; de Didática da Geografia e da História, na Faculdade de Filosofia.

Diante dos excelsos compromissos assumidos com a mocidade da sua terra, pouco tempo lhe sobrava para as leituras, tendo de recorrer às constantes vigílias; ainda assim, foi Diretor do Colégio da Bahia por mais de um período. Como mestre modelar, era um diretor exímio, respeitado e amado pelos seus inúmeros alunos.

Não somente na escola e na sociedade Francisco da Conceição Menezes era um modelo de homem. Também na família era assim. Casado com a distinta professora Cidália da Conceição Menezes, que era viúva e mãe de cinco filhos, a saber: Cid, José, Cidelmo, Ciderval e Cibele, todos formados, com o apoio e a orientação do padastro. Sendo

correspondido na amizade dispensada aos seus enteados, viveu a grande felicidade de sabê-los dignos e brilhantes.

Francisco da Conceição Menezes chegou ao final da sua existência vivendo uma luta magnífica, sem jamais perder a fé no poder educativo e a confiança na alma da mocidade. E a mocidade baiana deu ao grande mestre a mais comovedora das demonstrações de nobreza, naquele soberbo espetáculo apoteótico, que foram seus funerais, ocorrido no dia 27/9/1959.

Afinal, para onde iam aqueles jovens em alas tão longas, carregadas de lindas e fartas coroas de flores? Por acaso, a um monumento de herói? De certo que não, estavam na direção do túmulo de um justo.

E, que significado tinham aqueles jovens, ávidos por multiplicar a distância entre o Colégio da Bahia e o Cemitério do Campo Santo, para que cada um pudesse ter nos braços, por momentos que fosse, num derradeiro e doloroso carinho, o mestre estremecido?

E, o que pensar daquela massa humana, representativa de todas as classes da Bahia, acompanhando, respeitosa e reverentemente, o esquife de um intelectual, de um professor, sem cabedais dourados, nem posições políticas?

Tudo o que foi assistido na oportunidade significou que ainda existem enormes reservas de apreço, de admiração à inteligência culta, ao caráter digno e ao coração magnânimo.

Francisco da Conceição Menezes foi, acima de tudo, um homem bom. Sua bondade e os seus valores culturais escondiam-se numa humildade singular.

No Instituto Geográfico e Histórico da Bahia foi Secretário Perpétuo. Durante as solenidades, desaparecia de circulação, para fazer a vigilância da casa, em lugar de juntar-se aos demais diretores. Honrando a casa que o abrigou com muita festa, tornou-se sócio benemérito pelo trabalho abnegado, a começar pelas pugnas de que participou, na luta pela edificação da imponente sede do Instituto.

Analisando a sentença de Joaquim Nabuco, de que “O homem é o nome póstumo”, pode-se concluir: a morte só consegue atirar às multidões dos anônimos, os homens de pequeno saber, de pequenas qualidades e de pequenos delitos...

Os grandes homens, em qualquer dessas feições, recolhe-os à História para uma contínua reverência, sob louros, bênçãos ou maldições.

Ao mestre Francisco da Conceição Menezes, a História destinará, por certo, expressivo relevo consagrador, considerando que a serviu com devotamento, na cátedra escolar ou na Casa da Bahia, sacrificando o repouso, de modo a ver o colegiado à altura dos seus anseios.

Através de certo funcionário do Instituto, o modesto e exemplar José Leonídio Silva, veio a se saber que o Prof. Conceição Menezes, muitas vezes, viveu um labor noturno prolongado até quase o alvorecer, restando-lhe poucas horas para o sono, a que se entregava desconfortavelmente nas dependências do Instituto, tendo o referido funcionário como companheiro e testemunha.

Aquela dedicação espontânea, a par dos altos índices culturais, foi que induziu os seus consócios a elegerem-no Secretário Perpétuo do Instituto.

Por motivos pessoais, o Secretário Perpétuo nunca tomava parte das reuniões informais dos seus colegas de Diretoria, salvo quando invocado como historiador. Seu posto normal era a sua carteira, onde se debruçava sobre montes de papéis, que um dia despertará como relíquia da Memória do Instituto.

A sua humildade era expressiva, como pode ser confirmada no seguinte fato: Certa vez, uma aluna do Ginásio da Bahia, que não o conhecia ainda, confundiu-o com algum servente, pedindo-lhe trazer uma cadeira. E ele obedeceu-lhe sem uma palavra explicativa, sem um esboço, sequer, de irritação na fisionomia. Mais tarde, ao identificá-lo, a perplexidade tomou conta do seu ser, ao admirar a fidalguia sentimental tão aprimorada, transmutando-se-lhe em admiração afetuosa, compensadora do involuntário insulto.

(SILVA, Nilson Joau e Silva. Dados extraídos da “Resenha da Vida da Casa”- parte V. Autoria: Edith Mendes da Gama e Abreu.)



5.º SECRETÁRIO-GERAL

JOSÉ CALASANS BRANDÃO DA SILVA

PERÍODO: 1960–1962

JOSÉ CALASANS BRANDÃO DA SILVA nasceu a 14 de julho de 1915, em Aracaju-SE, filho de Irineu Ferreira da Silva e Noemi Brandão da Silva. Casado com D. Lúcia Margarida Maciel da Silva, teve os seguintes filhos: José Calasans Maciel da Silva e Maria Madalena Maciel da Silva, psicóloga. Seus cursos preparatórios foram feitos no Ateneu Sergipense, em Aracaju.

Em 1937, diplomou-se pela Faculdade de Direito da Bahia, tornando-se Livre Docente de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, em 1972. Coursou a Escola Superior de Guerra (turma D. Pedro).

Sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, ocupou a Diretoria como Vice-presidente. Foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no período de 1945 a 1947 e sócio correspondente da Academia Sergipana de Letras, do Centro de Estudos Baianos, do Instituto Genealógico da Bahia, da Sociedade Capistrano de Abreu, da Liga de Defesa Nacional e da Comissão Consultiva de Folclore. Também era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, em 19/5/1971.

Possui as seguintes medalhas:

- SÍLVIO ROMERO – outorgada pela antiga Prefeitura do Distrito Federal, em 1957.
- EUCLIDES DA CUNHA – outorgada pela Casa Euclides da Cunha de S. José do Rio Pardo – S. P.
- OLAVO BILAC – outorgada pela Diretoria do Serviço Militar, em 1971.
- MEDALHA CULTURAL PEDRO I – outorgada pelo Conselho de Cultura do Pará.
- INÁCIO BARBOSA – outorgada pela Prefeitura Municipal de Aracaju.
- TOBIAS BARRETO – outorgada pelo Governo de Sergipe, em 1989.
- CASTRO ALVES – outorgada pelo Estado da Bahia.

Em 1993 recebeu o título de Cidadão de Canudos, bem como a Medalha APERIPÊ, do governo de Sergipe.

Dentre outras participações em Congressos e Seminários presidiu o IV Congresso Brasileiro de Folclore, ocorrido em 1947, em Salvador.

Fez publicar numerosos artigos sobre História e Folclore em órgãos especializados, tendo editado os seguintes livros:

- TEMAS DA PROVÍNCIA – Aracaju, 1945.
- O CICLO FOLCLÓRICO DO BOM JESUS CONSELHEIRO, 1950 (Tese de Livre Docência).
- UM DISCURSO DE SÍLVIO ROMERO – Salvador – Centro de Estudos Baianos – 1951.
- A GUERRA DE CANUDOS NA POESIA POPULAR – Salvador – Centro de Estudos Baianos – 1952.

- CACHAÇA, MOÇA – BRANCA – Salvador – Museu do Estado – 1951.
- OS VINTISTAS E A REGENERAÇÃO ECONÔMICA DE PORTUGAL – Salvador – 1959 (Tese de Concurso da Cátedra da UFBA).

De 1959 a 1991, o Professor José Calasans produziu outros trabalhos que foram publicados.

Exercendo atividades administrativas, o Prof. José Calasans ocupou os seguintes cargos:

- DIRETOR DE COOPERATIVISMO – Sergipe – 1939;
- DELEGADO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – Sergipe;
- DELEGADO DO SENAC – Sergipe – 1947;
- DIRETOR DO SENAC – Bahia – 1947 – 1963;
- DIRETOR DO DEP. SOCIAL DA VIDA UNIVERSITÁRIA;
- VICE-DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA – BAHIA;
- CHEFE DO DEP. DE HISTÓRIA – 1968 a 1984;
- DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA – 1974 a 1975;
- VICE-REITOR DA UFBA – 1980 a 1984.

(SILVA, Nilson Joau e Silva. Notas extraídas do Dicionário Bibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros – vol. 1 – pág. 166/168.)

Depoimento do escritor e conferencista José Dionísio Nóbrega, consócio do IGHB e discípulo *primus inter parís* do prof. José Calasans.

José Calasans Brandão da Silva

Um dos grandes vultos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) foi José Calasans Brandão da Silva. Exerceu nesta instituição, também conhecida como a Casa da Bahia, várias funções importantes, principalmente a de Secretário e a de Vice-presidente. O seu nome originou-se de uma homenagem que o pai Irineu Ferreira da Silva, natural de Itabaiana-SE, fez ao irmão José de Calasans, primeiro presidente constitucional de Sergipe. O sobrenome Brandão herdou da mãe Noemi, filha do fotógrafo (talvez o primeiro) de Estância, Benjamin Francisco Brandão. Veio ao mundo numa data histórica, a da Tomada da Bastilha (14 de julho), diferentemente do tio que nasceu no dia de São José de Calasanz.

Ainda criança, Calasans tinha seu tio materno Josafá da Silveira Brandão como grande exemplo, principalmente como educador e diretor do Ateneu Sergipense. Outra grande referência foi Clodomir Silva, seu professor de Português no Ateneu, com quem aprendeu a gostar das “coisas” folclóricas. O autor de *Minha Gente*, obra que reunira os costumes de sua terra, colhidos da boca do povo, fez Calasans compreender a importância da pesquisa oral, tão levada a sério em seus estudos de folclore e história. Nunca deixou de exprimir o que Clodomir lhe ensinara: declamar quadrinhas recolhidas das tradições e costumes do povo. Calasans deixou marcas profundas no seu estado natal e mais ainda na Bahia, como professor, historiador, biógrafo, folclorista e administrador. Em todas essas funções permeavam a delicadeza, honestidade, competência e o respeito às pessoas. Tinha o dom e a arte de saber falar e ouvir. Corria-lhe nas veias a vocação para ensinar, seja dando aulas ou fazendo palestras. Contava que o seu mestre de História Universal do Ateneu D. Pedro II (antigo Ateneu Sergipense) – Artur Fortes – muito contribuiu, pela didática e conhecimento da disciplina, para o fortalecimento de sua inclinação ou desejo de ser professor.

Em 1936, de férias em Aracaju, o já quintanista da Faculdade de Direito do Portão da Piedade deixou o descanso para escrever crônicas sobre louras e morenas e três perfis políticos: o de Maynard Gomes, o de Eronides Ferreira de Carvalho e o de Francisco Porto, publicados no Sergipe Jornal, graças ao amigo Mozart Aboim, redator da gazeta. No fim do ano seguinte, concluiu o curso de Direito numa das turmas mais ilustres de todos os tempos: José Calasans, Rubem Nogueira, Jorge Calmon, Mário Cabral (sergipano), Jorge de Farias Góes, Oldegar Franco Vieira, Nelson Sampaio e outros. Mas sempre deixou claro para os colegas e professores que sua vocação não estava nas ciências jurídicas. Seus deuses não foram Planiol, Savigny, Kelsen ou Carnelutti, mas Nabuco, Varnhagen, Capistrano, Southey, Silvio Romero e João Ribeiro. A ciência de Bevilacqua não o empolgava.

Concluído o curso de Direito, volta Calasans à sua terra para ser professor e pesquisador da história e do folclore, tanto que em 1942 publica a tese “Aracaju – contribuição à história da capital de Sergipe”, apresentada ao concurso de História do Brasil e de Sergipe, superando, com a técnica moderna de investigação e interpretação históricas, os trabalhos pioneiros sobre Aracaju de Clodomir Silva, Manoel dos Passos e Enock Santiago. Mais tarde, começou a se expandir de tal maneira que ficou prestigiado nacionalmente como folclorista, por meio de sua “Cachaça Moça Branca”, admirada por intelectuais como Gilberto Freire e Mário de Andrade. Pedro Calmon, ao ocupar-se de coisas baianas na Academia Brasileira de Letras, considerou excelente o estudo folclórico da cachaça.

Quando, em 1945, figuras ilustres desta terra fundavam o Instituto Genealógico da Bahia (IGBA), morava Calasans em Aracaju, onde ainda exercia a função de professor de História na Escola Normal, para logo depois eleger-se presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS). Em 1947, o que se esperava aconteceu. Com emprego garantido para dirigir o SENAC da Bahia e com perspectivas de vir a ser professor de História na Faculdade de Filosofia, deixa a terra de Inácio Barbosa, a de seu berço, para fixar-se definitivamente na de Tomé de Sousa. Nesse mesmo ano toma posse da cadeira n.º 29 do IGBA, ocupando-a por 54 anos, cujo patrono é seu conterrâneo Armino Guaraná, nascido em São Cristóvão, então capital da província de Sergipe.

Raro o estudioso do peregrino cearense, da obra prima euclidiana e da guerra de Canudos que não tenha entrevistado o professor Calasans e consultado os seus arquivos, já de há muito doados à UFBA, ao Museu Eugênio Teixeira Leal, à Academia de Letras da Bahia, à qual pertenceu por quase 4 décadas, à fundação Pedro Calmon e outras instituições. Depois de “O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro”, outros trabalhos sobre Canudos e conselheiristas se sucederam: “Sebastianismo no folclore de Canudos”, “Moreira César na poesia popular”, “Canudos na literatura de cordel” e outros. É quase interminável a sua produção escrita sobre folclore. Vejamos: “Celso Magalhães e o folclore baiano”; “Edison Carneiro e o folclore baiano”; “Fausto Cardoso no cancioneiro popular”; “Primeiros estudos de folclore na Bahia”; “Contos populares do Brasil de Silvio Romero”; “Folclore histórico no Recôncavo da Bahia”; “Clodomir Silva e o folclore sergipano”; “Vale Cabral e o folclore brasileiro”; “Acheias ao estudo do romanceiro político nacional”; “Cantigas de cacumbis e taieiras de Sergipe”, além de trechos folclóricos nos trabalhos historiográficos.

Um tema bem estudado por José Calasans foi a Revolução de 30. Saiu nos Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, realizado em Campinas (1971), um trabalho seu mostrando valiosos documentos originais e inéditos a respeito da Revolução de 1930 no Norte. A UFBA publicou também dele: A Revolução de 1930 na Bahia.

Não foi o livro “Os Sertões” que lhe mostrou a porta de entrada ao mundo fantástico de Antônio Conselheiro. O gosto pelo folclore é que o fez querer conhecer a história do famoso peregrino. Daí sua tese: “O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro”. Em um único livro, Cartografia de Canudos, reúne 23 preciosos trabalhos. Outro que ele gostou de ter ultrapassado 100 páginas para não chamá-lo de opúsculo foi “Quase Biografias de Jagunços”, depois republicado com o título “O Estado-Maior de Antônio Conselheiro”. Graças à experiência em elaborar perfis biográficos, não teve o professor Calasans a menor dificuldade para escrever a biografia de Miguel Calmon Sobrinho e sua época (1912/1967).

O exercício de altos cargos não o impediu de orientar pesquisadores sobre a história de Canudos. Para muitos, principalmente os canudófilos, os melhores momentos de sua vida podem ter acontecido no seu tempo da UFBA, do Conselho Estadual de Cultura, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, da Academia de Letras da Bahia e, principalmente, do Museu Eugênio Teixeira Leal, onde promoveu muitas palestras e encontros com pesquisadores, professores e alunos do Brasil e do mundo.

(José Dionísio Nóbrega, por solicitação do consócio José Nilton Carvalho Pereira.)



6.º SECRETÁRIO-GERAL

CLARIVAL DO PRADO VALADARES

PERÍODO: 1962-1963

CLARIVAL DO PRADO VALADARES nasceu a 26 de setembro de 1918, em Salvador-BA, filho do Prof. Antônio do Prado Valadares e Dona Clarice dos Santos Silva Valadares. Durante um ano estudou no Colégio Tobias Barreto, em Sergipe, depois estudou em Recife, vindo a diplomar-se em Medicina na Bahia (turma de 1941). Depois de graduado exerceu a profissão no Rio de Janeiro, dela se afastando, durante algum tempo, por motivo de saúde.

Ao recuperar-se, fez concurso para médico do Hospital dos Servidores, ainda no Rio de Janeiro, permanecendo até 1951. Convidado pelo reitor Edgard Santos, veio para Salvador, assumindo a vaga de assistente do Prof. Francisco Lichtenberg, responsável pelo Serviço de Anatomia patológica do Hospital das Clínicas.

Clarival do Prado Valadares nasceu a 26 de setembro de 1918, em Salvador-BA, filho do Prof. Antônio do Prado Valadares e D. Clarice dos Santos Silva Valadares. Durante um ano, estudou no Colégio Tobias Barreto em Sergipe, depois estudou em Recife, vindo a diplomar-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, fazendo parte da turma de 1941. Depois de graduado, exerceu a profissão

Logo depois, viajou para os Estados Unidos, onde, na cidade de Boston, na Universidade de Harvard, realizou curso de pós-graduação, trabalhando com o Prof. Castteman, de fama internacional. Voltando ao Brasil, submeteu-se ao concurso de docente livre de Anatomia Patológica da UFBA.

A partir de 1957, no entanto, passou a inclinar-se, cada vez mais, para o campo da arte, em detrimento da atividade médica, sendo que, em 1962, abandonou completamente a profissão de médico.

Em 1967, a edição do seu original livro “Riscadores de Milagres”, pesquisa metódica e consciente, sobre os desenhos dos ex-votos, deu lugar à sua entrada no setor das artes.

Em 1972 lhe foi conferido o cobiçado PRÊMIO CRÍTICO DE ARTES, conquistado em função da sua obra “Arte e Sociedade nos Cemitérios do Brasil”, editado pelo Conselho Federal de Cultura.

Durante os anos de 1970 a 1972, decide-se por percorrer as cidades históricas de Minas Gerais, a fim de, pessoalmente, documentar as magníficas obras de arte brasileiras, ali ciosamente preservadas.

Transferindo-se, mais uma vez, para o Rio de Janeiro, tornou-se famoso como crítico de Arte, passando a integrar o Conselho Federal de Cultura, onde teve extraordinária atuação. Ainda no Rio de Janeiro, entregou-se à atividade jornalística, colaborando com o Diário de Notícias. Escritor fluente e cheio de graça, era também excelente expositor, expressando-se com brilho e fluidez incomparáveis.

Pelo trabalho que vinha realizando, ganhou a fama de ser um dos mais sérios e eficientes analistas de Arte do Brasil.

Apelidado de “sentinela da memória do país”, continuava Clarival a trabalhar, sempre ajudado por sua admirável companheira Érica, por sua filha Kátia e também pelo seu único neto Marco Antônio. Juntos, saíram pelo Brasil em busca de belezas para documentar.

Em determinado momento da sua peregrinação, deparou-se com as belas ruínas do Castelo de Garcia D’Ávila, com sua bela capela oitavada, revelando as suas belezas para todo o território brasileiro.

Homem de saúde frágil, teve que interromper suas atividades para internar-se em um Sanatório de Minas Gerais. Recuperando-se parcialmente, voltou às suas atividades, sobrevivendo-lhe, porém, em 1966, grave crise cardíaca, que o obrigaria a submeter-se a tratamento especializado, em Cleveland, onde permaneceu de 1969 a 1971.

Sua alentada produção intelectual reúne inúmeros trabalhos médicos e farta produção de conteúdo estético, distribuídos entre volumes de arte propriamente ditos e trabalhos de natureza crítica.

Das suas obras, destacamos o magnífico livro “400 Anos do Mosteiro de São Bento na Bahia”, editado em 1983, em parceria com D. Timóteo Amoroso Anastácio, Waldeloir Rego e Dr. Paulo Rocha.

A última visita que Clarival fez a Salvador foi em janeiro de 1983, quando recebeu significativa homenagem do Governo do Estado, ocorrida no Museu de Arte da Bahia, ocasião em que foi inaugurada uma exposição dos seus estudos fotográficos.

A sua extremada companheira, a Sr^a. Érica Odebrecht Valadares, era o seu anjo de guarda, que jamais deixou de acompanhá-lo em todos os momentos da sua vida.

Debilitado, faleceu às 15h do dia 13 de maio de 1983, tendo completado a sua última e monumental obra, feita, como algumas outras, às expensas do terno e inestimável auxílio de sua eficiente equipe familiar.

Com a morte de Clarival Prado Valadares foi-se o último representante daquela família constituída de tantos valores, todos prematuramente subtraídos da nossa conveniência.



7.º SECRETÁRIO-GERAL

JOAQUIM BATISTA NEVES

PERÍODO: 1964–1990

JOAQUIM BATISTA NEVES nasceu a 10 de agosto de 1924, na fazenda Barro Preto, município de Caetité-BA, filho de Francisco Batista Neves e Dona Suzana Carolina Batista Neves. Era o 16.º filho dos 17 tidos pelo casal e pertencia a uma família tradicional de Caetité. Seu pai era um dos líderes políticos do município.

Joaquim iniciou os seus estudos com a professora primária Beatriz Rodrigues Lima Hoffman, destacando-se sempre como o melhor aluno da classe. Durante o ano letivo morava em Catité e gostava de jogar bola com os colegas e com os moleques de rua. Foi menino brigão, daqueles que não levam desaforo para casa, sempre tomando as dores de irmãos. Apesar de rebelde e desobediente, era amoroso com os pais e familiares. Tinha predileção pela mais levada das irmãs, a Nadir, de quem acobertava as faltas, assumindo suas culpas frente ao pai rigoroso.

Chegado o momento de cursar o ginásio, a família decidiu enviá-lo para o internato em Salvador, no mais reputado colégio da época, o Antônio Vieira. Quando tinha 13 anos de idade, perdeu o pai, vítima de um raio que invadiu casa a dentro, no dia 27 de junho de 1937. Com a perda do pai e afastado do convívio da mãe, de quem era muito apegado, reagiu para não continuar os estudos no internato dos jesuítas.

Não conseguindo o seu intento, teve que se submeter ao regime do internato, que consiste em acordar às 5h horas para tomar banho frio, assistir missa das 6h e, às 7h, tinham início as aulas, que iam até o meio-dia, quando saía o almoço, precedido de prece coletiva. As tardes eram dedicadas às bancas, aos estudos e preparo dos deveres.

Ao concluir o curso de colégio com brilhantismo, oscilou na escolha da carreira a seguir: Medicina ou Direito. Submetendo-se ao vestibular de Direito, obteve aprovação. O novo calouro de Direito foi residir com o irmão Francisco Batista Neves, que era inspetor de ensino da Secretaria de Educação. A Faculdade de Direito já funcionava na Av. Joana Angélica, no prédio construído por Bernardino José de Souza. Como estudante de Direito, firmou o seu pendor pela esquerda política. Por toda a vida, foi um homem de esquerda, embora moderado, mas fiel ao credo.

Ainda estudante de Direito, em 1945, levado pela família Alves de Almeida, tornou-se funcionário e Secretário da Faculdade de Filosofia, cargo em que permaneceu até 1951, mesmo depois de formado. Foi grande colaborador, amigo e admirador do fundador da Faculdade, o grande mestre Isaías Alves de Almeida, reconhecido como um notável educador.

Formando-se em Direito no ano de 1948, ficou em dúvida do que iria fazer. No entanto, exercendo grande fascínio pela carreira docente, conseguiu uma bolsa de estudos, indo fazer Doutorado em Teoria Geral do Direito, em 1949, na Universidade de Madri. Nas férias, viajou pela Europa, tornando-se aluno ouvinte da Faculdade de Direito de Paris.

Ao retornar em 1951, foi nomeado professor catedrático interino de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas, com o afastamento do Dr. Antônio Balbino. Como a cátedra tinha titular efetivo, ele se dispôs a fazer livre docência de Geografia Econômica, concorrendo com o Prof. Milton Santos. Ambos foram aprovados com notas distintas.

Em 1967, por força de dispositivo constitucional, foi efetivado na cadeira em que era catedrático interino, ficando o Prof. Milton Santos com a cadeira de Geografia Econômica.

Após retornar da Europa, tornou-se sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, tendo ocupado algumas Comissões, para depois tornar-se 2.º Secretário.

Quando o Prof. Francisco Peixoto de Magalhães Neto elegeu-se presidente do IGHB, o Prof. Batista Neves passou a ocupar a 1.ª Secretaria da Casa da Bahia, cargo que exerceu até a sua morte. Diariamente, dispensava algumas horas de trabalho ao Instituto, convivendo com os grandes frequentadores, como Wanderley Pinho, Magalhães Netto, Edith da Gama e Abreu e outros ilustres confrades que deixaram nome na história da casa.

Na época, o Instituto era o centro cultural da Bahia e a casa onde ocorriam os festejos cívicos da terra e mesmo do Brasil.

Até 1959, Batista Neves permaneceu solteiro, em razão dos cuidados que dispensava à sua progenitora, que faleceu naquele ano.

Aproximando-se de Olga Magnavita, filha de Pasquale Magnavita e Vicenza Tosto Magnavita, tornou-se seu namorado, entregando os pontos ao amor. Em 15 de fevereiro de 1962, realizaram-se as bodas, na capela da Mansão dos Magnavitas, localizada na Av. Joana Angélica, n.º 37.

Joaquim, caseiro e marido amoroso, foi muito feliz no casamento, pelo carinho também dispensado pela esposa, que lhe deu um único filho, o Francisco Batista Neves Neto, assim batizado, em homenagem ao avô. Seguindo a carreira do pai, desde cedo revelou inteligência privilegiada e muito gosto pelos estudos.

No regime militar iniciado em 1964, Joaquim viveu momentos desagradáveis, tendo sido alvo de fortes acusações, resultando em 18 convocações para prestar depoimento na 2.ª seção do quartel-general. Com dignidade e desassombro, saiu-se muito bem em todos eles, merecendo a confiança de permanecer na direção da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

Em 1970, Joaquim foi mais uma vez nomeado Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, para o mandato de 1970 a 1974. Do novo reitor, Lafayette Pondé, continuou a receber o mesmo tratamento que lhe dispensara Roberto Santos.

Em 1975, Roberto Santos, ao tomar posse como governador do Estado, nomeou, de imediato, Batista Neves Chefe da Casa Civil. O cargo era difícil, exigindo do ocupante uma esmagadora carga de trabalho, além de uma infinita habilidade política. Com a sua vivência de homem do interior, saiu-se muito bem, deixando transparecer ao governador ser o homem talhado para o cargo.

Desejando ser Reitor, para coroar a sua carreira docente, conseguiu participar da lista sêxtupla como candidato, sem obter a nomeação. Roberto Santos tinha compromisso com o Prof. Augusto Mascarenhas, nomeado na oportunidade.

Continuando Chefe da Casa Civil foi, em 1976, nomeado Conselheiro do Tribunal de Contas da Bahia, em vaga decorrente da aposentadoria de Dr. Renato Bião de Cerqueira, voltando a ensinar na sua querida Faculdade de Filosofia.

No Tribunal de Contas, impôs-se pela isenção e segurança dos seus pareceres, bem como pelo trabalho administrativo realizado nos dois mandatos de presidente. Conseguiu a construção do novo prédio do Tribunal, em área do Centro Administrativo da Bahia, que tem o seu nome.

Depois de viver uma vida digna e honrada, veio-lhe a desgraça de ser assassinado de forma inesperada e brutal, crime até hoje não desvendado, constituindo um grande mistério.

O assalto ocorreu no dia 1.º/3/1988, entre 11 e 11h30 horas, na sinaleira do Vale dos Barris. Atendido no Pronto Socorro do Canela, foi posteriormente transferido para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer. Dessa forma violenta o nosso Diretor foi sacrificado, enlutando os confrades do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

(SILVA, Nilson Joau e Silva. Dados extraídos da Biografia escrita pelo Prof. Hermano Augusto Machado, na Revista do IGHB, n.º 89.)



8.º SECRETÁRIO-GERAL

HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO

PERÍODO: 1990–1995

HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO nasceu a 19 de dezembro de 1928, em Salvador-BA, filho do Prof. Augusto Alexandre Machado e D. Helena Palmeira Machado.

Depois de fazer o ginásio e o curso colegial em escolas de Salvador, graduou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFBA. Optou pelo magistério e fez Mestrado em Direito Econômico (UFBA, 1980). Realizou o Doutorado em Direito Privado na casa-mater, além do curso de Desenvolvimento Econômico na CEPAL.

Foi Secretário-Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1990-1995), no segundo e terceiro mandatos do Dr. Jayme de Sá Menezes, depois de ter exercido os cargos de Secretário Adjunto, Terceiro Vice-presidente e Diretor da Revista do Instituto, prestando um inestimável serviço à Casa da Bahia.

Na área da educação, cultura e administração exerceu as seguintes atividades:

- Membro do Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia por quatro mandatos;
- Presidente da Comissão de Direito Educacional e Integrante da Câmara de Ensino Superior;
- Membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia;
- Membro da Academia de Educação da Bahia;
- Diretor da Coordenação de Gerências das Empresas da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Bahia;
- Assessor do Secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado da Bahia;
- Técnico em Desenvolvimento Econômico da Comissão de Planejamento Econômico da Bahia;
- Assessor do Presidente da Associação Comercial da Bahia;
- Chefe da Procuradoria Jurídica do Instituto de Terras do Estado da Bahia.

Como professor e bacharel em Direito, publicou as seguintes obras e teses:

- “Breve Resumo das Doutrinas do Direito Civil Clássico sobre os Direitos Reais e a Propriedade”, in Revista n.º 6 dos Mestrados em Direito Econômico da UFBA, pág. 405, SSA, 1999;
- “As Raízes do Cientificismo”, in Revista n.º 6 dos Mestrados em Direito Econômico da UFBA, p. 57, 1998;
- “Apresentação da Revista dos Mestrados em Direito Econômico da UFBA”, SSA, 1995;
- “Considerações sobre a Convivência de Reforma da Lei Estadual sobre Terras Devolutas”, in Revista dos Mestrados em Direito Econômico da UFBA., SSA, 1993;
- “Estudo da Lei Imperial n.º 601 de 1850”, tese no V Seminário Universitário de Pesquisa de Docentes, 1990;
- “Estudo sobre a Natureza e o Regime Jurídico dos Bens Dominiciais” – Apresentado no V Seminário Universitário de Pesquisa de Docentes, 1990;
- “Leis de Terras do Estado da Bahia”;

- “O Mercantilismo”;
- “Informe sobre o Sistema Tributário e Problemas Financeiros do Estado da Bahia” – em co-autoria com o Prof. Rômulo Galvão de Carvalho e Jorge Hage;
- “Da Procuração”;
- “A Função Social da Propriedade e a Tipificação dos Direitos Reais”;
- “Política Tributária e Desenvolvimento”;
- “Marxismo e Estruturalismo”;
- “A Propriedade Agrária” – Tese;
- “Existe uma Ciência das Finanças?” – Tese;
- “O que é Ciência?”.

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS DE ENCONTROS:

- Palestras no X Encontro de Procuradores do Município (União das Prefeituras da Bahia – UPB, SSA, 1998);
- Seminário: “Proteção da Mata Atlântica e o Direito de Propriedade”, na condição de palestrante, realizado na Faculdade de Direito da UFBA, 1996;
- Seminário “Bahia Agrária em Debate”, na condição de debatedor, na Palestra Reforma Agrária na Bahia, realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, SSA, 1995;
- Encontro Nacional de Coordenadores de Pós-graduação em Direito, realizado em Florianópolis-SC, 1993;
- I Congresso Brasileiro de Direito Educacional, como debatedor, na Faculdade Ruy Barbosa, SSA, 1993;
- Seminário sobre as obras do Professor Orlando Gomes, como debatedor, com o tema “Orlando Gomes e o Direito Civil”, SSA, 1991;
- Elaborou Relatórios do Curso de Mestrado (CAPES), na condição de Coordenador do Mestrado, 1993 a 1996.

(SILVA, Nilson Joau e. Dados extraídos do *Curriculum Vitae* de Hermano Machado.)

Depoimento de um ex-aluno de Hermano Augusto Palmeira Machado

Dois intelectuais baianos. Um Hermano e um Germano. Ambos da Academia Baiana de Educação e do IGHB. Ambos faleceram em 2017. Germano, mas de herança lusitana, talvez com antigas marcas judaicas, talvez cristão-novo. O outro, em quase tudo era hermano. Muitos amigos e quase nenhum desafeto. Era o maior parecerista verbal da Bahia, segundo o renomado confrade do IGHB e da Academia, prof. Edivaldo Machado Boaventura.

Germano escrevia muito e falava pouco; Hermano escrevia pouco e falava muito. O primeiro, um escritor-construtor (idealizou e manteve um centro de estudos – o CEPA) e deixou dezenas de publicações; o segundo, um semeador de ideias, um professor essencial para despertar o talento de um grande número de alunos.

Hermano era um autêntico baiano na visão do mestre Anísio Teixeira – segundo aprendi com o sempre lembrado professor Hildérico Pinheiro de Oliveira -, que se aproximou de Anísio pelo mister do trabalho. Dizia o criador da Escola Parque – segundo Hildérico – que baiano é ágrafo. Apesar de falar muito, escreve pouco ou quase nada. E acrescento o caso do Boca do Inferno, que escrevia muito, satirizava a Deus e o mundo, porém não publicava.

Hermano era o verbo e o advérbio, a palavra e a circunstância. Um polímata, um mestre de cultura enciclopédica. Memorizava e transformava quase tudo o que lia. Consta que, na Universidade Federal da Bahia, sua casa-mãe, tornara-se um verdadeiro socorrista do Diretor da Faculdade de Direito, em momentos imponderáveis, inclusive no

Mestrado. Se surgia uma disciplina nova, chamava-se Hermano. Se o tema era Economia, convocava-se Hermano. Se, Direito Agrário, Hermano convertia-se no mestre de plantão. Posto que arredo, alguns artigos e teses de sua lavra foram publicados, inclusive em revistas acadêmicas.

A paixão pelos livros fê-lo transmutar seu apartamento nos Barris em biblioteca de considerável acervo. Não era paixão coeva. Transcendia gerações. Provinha, pelo menos, do pai – Augusto Alexandre Machado – o Machadinho, na lembrança de alunos e pessoas de seu tempo.

Seu sepultamento no Jardim da Saudade abriu espaço para mais de uma hora de homenagens e discursos das diversas instituições a que pertenceu e que o acolheram com elevada honra.

(Depoimento do consócio José Nilton Carvalho Pereira, ex-aluno de Hermano no Colégio da Bahia (Central) e em conversas que se tornaram uma estrela da vida inteira, se é possível parodiar o São João Batista do Modernismo, o poeta pernambucano Manuel Bandeira.)



9.º SECRETÁRIO-GERAL

LAMARTINE DE ANDRADE LIMA

PERÍODO: 1995–1997

LAMARTINE DE ANDRADE LIMA nasceu a 29 de outubro de 1942, em Maceió–AL, originário de antiga família pernambucana de Amaraji e Gravatá, vinda da Ilha de Madeira, Portugal, no fim do século XVIII, aqui dedicada a engenhos de produção de açúcar e fazendas de gado, havendo sofrido decadência econômica no início do século XX, o que obrigou os descendentes a buscarem outras profissões, como militares, comerciantes e liberais.

Neto de um senhor de engenho, filho de comerciante, depois comerciante próspero, conhecido orador e poeta – José Lamartine de Andrade Lima, membro atuante da Academia de Letras e Artes de Gravatá, é o segundo de quatro irmãos – Lamarck, advogado no Maranhão; Laércio, geógrafo e ictiólogo e Laerton, administrador, empresário e professor universitário na Bahia.

Passou a infância em várias cidades do Nordeste, tais como Gravatá, Campina Grande e Natal, e a adolescência, como estudante no Recife, em Salvador, Senhor do Bonfim e Petrolina. Escolheu fazer os estudos superiores na capital da Bahia, onde, aculturado como baiano, radicou-se.

Sem ligação com qualquer partido ideológico, foi um dos redatores do jornal O Pistilo, do Diretório Acadêmico da Faculdade de Farmácia, e vice-presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal da Bahia, tendo sido preso político em 1964.

Diplomado médico no ano de 1968, especializou-se em Urologia e Medicina Legal, havendo sido professor assistente do catedrático Prof. Dr. Estácio de Lima, na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, mestre a quem acompanhou em viagens de estudos pela Europa e África.

Oficial Superior da Marinha, realizou, como chefe da Divisão de Saúde do capitânia da Força de Transportes da Marinha, viagens ao Exterior; foi presidente da Junta de Saúde do Segundo Distrito Naval, na Bahia; chefe do

Ambulatório do Centro Médico Naval do Rio de Janeiro, e chefe do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital Naval Marcílio Dias, naquela capital; sua última comissão foi como chefe do Departamento de Administração da Diretoria de Saúde da Marinha; fez a carreira integralmente, na ativa, até o posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra, tendo entre os seus diversos cursos militares, o de superior da Escola de Guerra Naval, havendo passado para a reserva com proventos de Vce-almirante, como detentor da Medalha Militar de Prata e da Medalha Tamandaré.

Perito médico-legista, exercendo funções no departamento de Polícia Técnica da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia, é o introdutor da Radiopatologia Legal no Brasil e co-autor do livro “Estudos Médicos Legais”.

Pertence a algumas entidades socioculturais:

- Academia Baiana de Médicos Escritores;
- Academia de Letras e Artes do Salvador (titular da cadeira que tem como patrono Raymundo Nina Rodrigues, ex-presidente);
- Associação Baiana de Medicina;
- Associação dos Médicos Legistas do Estado da Bahia, Membro Benemérito;
- Associação dos Militares Inativos e da Reserva das Forças Armadas;
- Associação Médica Brasileira;
- Centro de Estudos Etnográficos da Bahia (ex-vice-presidente);
- Fundação “Estácio de Lima” (ex-presidente);
- Instituto Baiano de História da Medicina (titular da cadeira que tem como patrono Virgílio Clímaco Damásio, ex-presidente);
- Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (Secretário-Geral);
- Sociedade Brasileira de História da Medicina;
- Sociedade Brasileira de Medicina Legal (ex-segundo secretário);
- Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (primeiro prêmio nacional no gênero conto, em 1982, e terceiro prêmio gênero ensaio, em 1997);
- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência;
- União de Médicos Escritores de Língua Portuguesa.

É autor principalmente de ensaios, havendo escrito:

- ROTEIRO DE NINA RODRIGUES – ensaio biobibliohistoriográfico – Coleção Ensaios e Pesquisas – Centro de Estudos Afro-Ocidentais da Universidade Federal da Bahia – brochura – 1981 – em 3.^a edição não-corrigida;
- VIRGÍLIO CLÍMACO DAMÁSIO – discurso biográfico, de posse, no Instituto Baiano de História da Medicina – 1982;
- A CASA DAS MINAS – apreciação sobre o livro do antropólogo Nunes Pereira – Revista Afro-Ásia, do Centro de Estudos Afro-Ocidentais da Universidade Federal da Bahia – 1982;
- INTERVALO – conto – primeiro lugar em concurso da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Revista da Sociedade Pernambucana de Médicos Escritores – 1982;
- PIERRE VERGER, de FOTOGRAFO A ETNÓLOGO – artigo biográfico – jornal A Tarde – 1985;
- NUNES PEREIRA, O ANTROPÓLOGO – artigo biográfico – Caderno Cultural de A Tarde – 1992;
- A ESCOLA ANTROPOLÓGICA E MÉDICO-LEGAL DA BAHIA – artigo historiográfico – Revista Internacional Paraguaia – 1995;
- PADRE ANTÔNIO VIEIRA E SEU SEPULCRO NO COLÉGIO DO TERREIRO DE JESUS – ensaio bio-historiográfico – Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1996;

- CASTRO ALVES, A FACE DA MORTE – conferência biográfica – Revista da Academia de Letras da Bahia – 1996;
- ESTÁCIO DE LIMA – ensaio biográfico – livro “Um Século de Estácio de Lima”, comemorativo do centenário do Professor Estácio de Lima – Fundação “Estácio de Lima” 1997;
- ARTHUR RAMOS E OS ESTUDOS SOBRE O NEGRO – conferência biobibliográfica – Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – 1997;
- NELSON DE ARAÚJO E OS PEQUENOS MUNDOS – prefácio para o III tomo da obra “Pequenos Mundos”, do escritor Nelson de Araújo – 1997;
- AFRÂNIO PEIXOTO – artigo biográfico – Caderno Cultural do jornal A Tarde – 1997;
- OSCAR FREIRE – ensaio bio-historigráfico – terceiro prêmio do concurso literário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – 1998.
- OS SINOS DO PILAR – prefácio do livro do mesmo nome, do escritor Nelson de Araújo – 1999;
- O MUSEU “ESTÁCIO DE LIMA” – ensaio para o Caderno Cultural do jornal A Tarde – 1999-11-10;
- A ESCOLA MÉDICO-LEGAL DA BAHIA – Museu Eugênio Teixeira Leal – “Memória da Bahia – Palestras” – 2012;
- CENTENÁRIO DE FALECIMENTO DE NINA RODRIGUES – Academia de Letras e Artes do Salvador – Revista da ALAS – 2013;
- BAHIA BRITISH CLUB – 140 ANOS DO CLUBE INGLÊS DA BAHIA – Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – 2014.

Títulos, honrarias e outras atividades:

1. Título de PROFESSOR HONORÁRIO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA – UFBA, por escolha unânime de sua congregação, 2008;
2. Título de CIDADÃO BAIANO, por unanimidade da votação dos deputados da Assembleia Legislativa da Bahia – 2009;
3. Agraciado pelo Vaticano como CAVALEIRO DA ORDEM DO SANTO SEPULCRO DE JERUSALÉM – 2010;
4. Criador da CASA DE ESTUDO JOSÉ LAMARTINE DE ANDRADE LIMA, com uma biblioteca de 16.000 volumes;
5. Um dos fundadores do INSTITUTO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO E ARQUITETÔNICO DE GRAVATÁ, no estado de Pernambuco, e seu primeiro presidente, no ano de 2018.

Lamartine de Andrade Lima é, ainda, autor de prefácios, comentários, críticas, poesias, artigos literários e discursos – publicados em outros livros, revistas e jornais de vários estados do país e do exterior.

(Autobiografia apresentada pelo Dr. Lamartine de Andrade Lima e por ele complementada em 2018, por solicitação do consócio José Nilton Carvalho Pereira.)



DÉCIMO SECRETÁRIO-GERAL

MANOEL DO BONFIM DIAS RIBEIRO

PERÍODO: 1.º/1/1998 a 15/8/1999

MANOEL DO BONFIM DIAS RIBEIRO nasceu a 23 de dezembro de 1930, em São João do Piauí-PI, filho de Manoel Firmo Ribeiro e D. Arlinda Dias Ribeiro.

Iniciou o curso primário em São João do Piauí, matriculando-se na Escola do Prof. Adail Maia, no período de 1938 a 1940. A complementação do seu curso fundamental correu na Escola Getúlio Vargas, no município de Remanso-BA (1941-1943) e em Pernambuco, no período de 1944-1948.

Em 1949, o jovem Manoel do Bonfim veio morar em Salvador (curso científico no Colégio Antônio Vieira).

Realizou o curso de Engenharia Civil e diplomou-se engenheiro em 1957. Concluiu também o Curso de Engenharia do Petróleo na própria Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, em decorrência de convênio assinado com a Petrobras, no período de 1955 a 1957.

Em 1960 fez Mestrado de Hidrologia na Universidade Federal de São Paulo e, em 1966, fez o Curso de Geologia para Engenharia Rodoviária na Universidade Federal da Bahia, patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas, do Ministério de Viação e Obras públicas.

No exercício da Engenharia, exerceu muitas funções e cargos importantes da área governamental:

1. Diretor do Centro Regional do Oeste do São Francisco;
2. Assessor da Secretaria dos Transportes da Bahia, para assuntos do São Francisco;
3. Coordenador do Polonordeste – Bahia;
4. Diretor Regional do DNOCS, para os estados da Bahia, Sergipe e Minas, durante o período de 9 anos;
5. Secretário do Comitê Executivo de Estudos Integrados da Bacia do São Francisco.

Além dessas atividades da área governamental, o engenheiro Manoel Bonfim executou inúmeras obras de barragens e açudes, sendo responsável, inclusive, por estudos completos para implantação de 57.000 hectares irrigados, através de poços profundos.

Com o objetivo de ampliar conhecimentos na área da sua especialização, o biografado participou dos seguintes cursos: Irrigação por gotejamento – S. Paulo, 1978; Recuperação de solos – CODEVASF, 1981 e Águas Subterrâneas – São Paulo, 1982.

Sempre convidado a participar de Simpósios e Congressos, teve participação atuante em todos eles, contribuindo com a força da sua experiência, para o sucesso desses encontros especializados.

Contraiu matrimônio com Lorena Batista França Ribeiro. Do consórcio nasceram Rosa Castália França Ribeiro Soares e Thompson França Ribeiro Neto.

Sua atividade cultural abrange os trabalhos profissionais, abaixo relacionados:

1. IMPLÚVIO – Captação direta de água – 1984;
2. ÁGUAS SUBTERRÂNEAS – Tesouro oculto do Nordeste – 1987;

3. BARRAGENS SUBMERSAS – 1989;
4. SOS – O São Francisco não secará – 1990;
5. A IRRIGAÇÃO DO SÃO FRANCISCO – 1990;
6. O NORDESTE – ontem e hoje – 1991;
7. O SÃO FRANCISCO – Controle de suas águas – 1992;
8. EM DEFESA DO POLÍGONO – 1993;
9. UMA SECA INUSITADA – 1993;
10. ESTRUTURA HÍDRICA PARA O NORDESTE – 1994;
11. ÁGUAS ADUZIDAS PARA O NORDESTE – 1998;
12. AS SECAS QUE ABALARAM O NORDESTE – 1998;
13. EVAPORAÇÃO – Inimigo invisível do Nordeste – 1998.

Sempre integrado aos problemas das áreas sertanejas, sua passagem operosa por diversos municípios da Bahia, fê-lo receber 28 homenagens, com a outorga de TÍTULOS DE CIDADÃO.

Ingressou no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia como sócio efetivo (1997) e foi eleito Secretário-Geral, com mandato de 2 anos, para o período de 1.º/1/98 a 31/12/99. Em razão da sua nomeação de Diretor da Área de Engenharia de CODEVASF, por Decreto datado de 22 de junho de 1999, renunciou o cargo de Secretário-Geral do Instituto, em razão da sua Diretoria funcionar na Capital Federal.

Como sócio ativo do Instituto, convidado a fazer uma palestra sobre “O RIO SÃO FRANCISCO”, realizou-a em outubro de 1997, alcançado um grande sucesso, em razão da tese que defendia naquela época.

No exercício da Secretaria Geral do Instituto, convidado para falar sobre a crise nordestina, pronunciou a seguinte palestra: “As secas no Nordeste”, oferecendo uma visão geral do problema brasileiro, ao tempo em que sugeria sugestões para acabar com o padecimento do povo que habita as regiões inóspitas do semiárido

(SILVA, Nilson Joau e. Dados extraídos do Curriculum Vitae de Manoel do Bonfim Dias Ribeiro.)



11.º SECRETÁRIO-GERAL

NILSON JOAU E SILVA

PERÍODO: 16/8/1999 A 31/12/1999

NILSON JOAU E SILVA nasceu a 24 de janeiro 1929, em Salvador-BA, filho de Aristófanes de Melo e Silva e Anatólia Joau e Silva, tendo uma única irmã, Sr.^a Ruth Silva Sampaio.

O curso primário foi feito no Colégio Antônio Calmon, conhecido como o Colégio da Prof.^a Vivi, em Salvador. Concluído o Curso Primário, foi matriculado na Escola Técnica, tendo concluído os cursos de Mecânica de Máquinas e Desenho de Máquinas.

Convidado a ensinar Desenho Técnico na Escola do SENAI, a alunos do curso noturno, originários das indústrias de Salvador, aceitou o convite, quando tinha apenas 17 anos de idade, em 1946.

Em 1947, convidado para fazer o “Curso de Desenho e Projetos de Máquinas”, na Divisão de Bolsas do SENAI, no Rio de Janeiro, submeteu-se a exame de seleção, tendo sido aprovado em 1.º lugar, dentre os candidatos dos diversos cursos oferecidos. Concluído o curso, depois de um ano de estudos intensivos de 13 disciplinas, coube-lhe a designação para continuar ensinando Desenho de Máquinas (curso noturno) e Desenho Geométrico (curso diurno).

Após trabalhar como Desenhista da Secretaria da Educação e Saúde, foi designado para o Serviço de Saúde do Interior, ganhando a perspectiva de poder estudar Engenharia, como veio a acontecer.

Como o curso da Escola Técnica ainda não era reconhecido pelo Ministério da Educação – em razão de um currículo orientado para a indústria -, submeteu-se, com êxito, aos exames de Art. 91, no Colégio Estadual da Bahia – Central. Matriculado no curso científico do próprio Colégio Central, teve excelente aproveitamento, classificando-se entre os primeiros alunos, no período áureo do Colégio da Bahia, dirigido pelo grande mestre Francisco da Conceição Menezes, naquela época, Secretário-Geral da Casa da Bahia (o quarto na história do Instituto).

Antes de completar o Curso de Engenharia, na condição de Desenhista da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, executou diversos projetos de unidades de saúde, inclusive foi o autor do projeto da Maternidade Tsyla Balbino, quando ainda estudante.

Concluiu, concomitantemente, o curso de engenharia do Petróleo e o de Engenharia Civil (UFBA, 1959), ocasião em que foi convidado pelo Prof. Mário Tarquínio, para ser o seu primeiro Assistente da Cadeira de Desenho Técnico: o mestre jamais havia convidado outra pessoa.

Apresentando currículo enriquecido pelos cursos que fez na Escola Técnica, bem como na Divisão de Bolsas do SENAI, teve o seu nome aprovado pela Congregação da Escola Politécnica, para Professor Assistente. Nomeado, iniciou suas atividades ainda em março de 1960.

Com a aposentadoria compulsória do Professor Mário Tarquínio em 1962, o Assistente assumiu a Regência da Cadeira de Desenho Técnico, até a reforma da Universidade Federal da Bahia. Em 1990, depois de 30 anos de atividades didáticas na Escola Politécnica e na Faculdade de Arquitetura, aposentou-se como Professor Adjunto IV.

Em 5/4/1990, em reunião do Departamento II da Faculdade de Arquitetura, foi homenageado com uma placa, “DEDICAÇÃO e ZELO”. A Congregação da Faculdade de Arquitetura, por unanimidade, também aprovou uma “MOÇÃO DE HOMENAGEM, RESPEITO E AGRADECIMENTO”, numa demonstração de amizade e carinho.

Outras funções e cargos exercidos por Nilson Joau e Silva:

- Professor e diretor da Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia;
- Superintendente nomeado da Estância Hidromineral de Dias D'Ávila. Estruturou a administração, como segundo Superintendente da Estância, hoje elevada à condição de município;
- Chefiou a Carteira de Projetos Cooperativos do Banco Nacional da Habitação. Na Prefeitura Municipal do Salvador;
- Ocupou a Chefia do Gabinete do Secretário de Viação e Obras Públicas do Governo Nelson Oliveira, quando o Secretário era José Penedo;
- No poder Judiciário do Estado, foi Perito, credenciado em diversas Varas Cíveis e Comerciais;
- No Centro Industrial de Aratu trabalhou como Assessor do Superintendente, ocupando a Presidência de várias Comissões, inclusive as de Licitação e de Patrimônio de Bens Móveis e Imóveis;
- Na Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, foi fiscal de obras da construção do Centro de Convenções da Bahia, bem como Assessor do Departamento de Indústria e Comércio;
- No IAPSEB, foi Assessor de Engenharia do Presidente, quando da elaboração do projeto e construção do Centro Médico-Odontológico. Nomeado posteriormente Coordenador de Assistência Habitacional, aproveitou-se da sua condição de ex-servidor do Banco Nacional da Habitação para conseguir os financiamentos que movimentaram a Coordenação, permitindo a execução de vários programas habitacionais;
- Por indicação do Governo do Estado, ocupou o cargo de Diretor-Superintendente da CETREL – Central de Tratamento de Efluentes Líquidos S/A, empresa do Polo Petroquímico de Camaçari, tendo a oportunidade de detectar problemas de saúde dos seus empregados, comprometidos com o meio ambiente, em razão dos dejetos altamente tóxicos, direcionados para a CETREL, para submeter-se a tratamento primário. Implantando o Departamento de Assistência Social, a Superintendência foi aos poucos solucionando os problemas que estavam afligindo os seus empregados;
- Nomeado Diretor-Geral do IPEMBA – Instituto de Pesos e Medidas do Estado da Bahia, em que pese a inflação galopante da época, a instituição foi administrada com muita transparência, fazendo desaparecer os vícios praticados por determinados servidores, alguns demitidos por justa causa. Apesar das dificuldades vividas pela direção, o Instituto conseguiu prestigiar-se junto ao INMETRO, atraindo recursos para melhorar as condições físicas do órgão, carente de meios que melhorassem a sua eficiência;
- Na iniciativa privada, foi Diretor-Gerente da Construtora Vector Ltda. que, tendo sido fundada em 1962, ganhou algumas concorrências de obras civis, indo muito bem até 1964, quando a Revolução perturbou o equilíbrio financeiro da empresa, em razão das obras contratadas com a Petrobras;

Tendo-se casado com a Prof.^a Maria Ivone Pereira Joau e Silva, natural do Município de Glória, na Região de Paulo Afonso, teve quatro filhos: Nilson Paulo Pereira Joau e Silva (Tenente-coronel do Exército); Sérgio Augusto Pereira Joau e Silva (Capitão de Corveta da Marinha); Luiz Carlos Pereira Joau e Silva (engenheiro eletricista e advogado); Antônio César Pereira Joau e Silva (advogado).

Dentre outras atividades sociais, integrou o Lions Internacional e a ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, desde 1976, quando frequentou o 7.º Ciclo de Estudos de Salvador, tornando-se sócio efetivo.

Instituições a que pertenceu Nilson Joau e Silva:

1. GRÊMIO MARECHAL CANTUÁRIA – Diretor Sociocultural;
2. SOAMAR – Sociedade de Amigos da Marinha – Diretor de Publicações e Editor do Boletim Informativo;

3. GRÊMIO SER FELIZ – Clube de Idosos – Coordenador Geral;
4. ABRIGO DO SALVADOR – Conselheiro por vários mandatos;
5. ABRIGO DOS FILHOS DO POVO – Conselheiro;
6. PARTIDO DOS APOSENTADOS DA NAÇÃO – PAN – Fundador na Bahia e Ex-Secretário-Geral, quando da sua fundação, tendo sido candidato a Vice-Prefeito de Salvador, nas eleições de 3/10/1996.
7. ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DO SALVADOR – Ocupante da cadeira n.º 2, área de Arquitetura, tendo sido eleito 2.º Secretário da instituição;

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA – Secretário-Geral, Assessor de Patrimônio, idealizador e editor do Boletim Informativo, cuja edição inaugural aconteceu quando da abertura do IV Congresso de História da Bahia, no dia 27 de setembro de 1999.

Com mais de 300 artigos publicados no “ESPAÇO DO LEITOR”, do Jornal “A TARDE”, tornou-se um formador de opinião, respeitado e acatado pela fluidez da sua linguagem, bastante acessível aos seus leitores das diversas camadas da sociedade.

ATIVIDADES NO IGHB

Como ASSESSOR DE PATRIMÔNIO da Casa da Bahia, designado pela Portaria n.º 5, assinada pela Prof.^a. Consuelo Pondé de Sena e, datada de 21 de maio de 1998, deu início imediato ao trabalho de confecção de fichas de INVENTÁRIO DE BENS MÓVEIS, contendo mais informações que as deixadas pela subgerência de Documentação e Pesquisa da Secretaria da Cultura e Turismo. Mediante inspeção de cada peça das coleções instituídas pela equipe da Secretaria da Cultura, essas passaram a ser codificadas em definitivo, através das plaquinhas mandadas confeccionar para esse fim.

Tendo tomado conhecimento de que os diretores e conselheiros não tomavam posse registrada em livro próprio, pelo fato de não existir o referido livro, foi criado o de TERMO DE POSSE, além dos outros recomendados pelo ESTATUTO, como o de registro dos sócios honorários, beneméritos e mantenedores, bem como o livro de registro das doações recebidas pelo Instituto.

Convidado que foi pelo confrade Wilson Sardinha para participar da redação da MEMÓRIA DO IGHB, desde a sua fundação em 1894, aceitou o desafio, oferecendo uma nova metodologia apreciada pela Diretoria, que passou a incentivar a sua conclusão. É, portanto, co-autor deste livro, Síntese Histórica do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em parceria com o consócio Wilson Thomé Sardinha Martins e colaboração de José Nilton Carvalho Pereira.

Para atingir sua meta de editor, o Secretário-Geral contou com a generosidade, à época, da Faculdade Ruy Barbosa, na pessoa de seu gestor, o Prof. Antônio de Pádua Carneiro – sócio benemérito do Instituto – e da Prof.^a Angelina Nobre Rolim Garcez, Diretora de Publicações da Casa.

(Dados autobiográficos de Nilson Joau e Silva, atualizados e resumidos pelo consócio José Nilton Carvalho Pereira.)



12.º SECRETÁRIO-GERAL

ALBERTO SALLES PARAÍSO BORGES

Período: 23/1/2002-31/1/2006

ALBERTO SALLES PARAÍSO BORGES nasceu em 17/11/1938, em Salvador, Bahia, filho de Alberto Paraíso de Araújo Borges e Stellita Saltes Paraíso Borges. Casado com Maria Hilda Baqueiro Paraíso, Doutora em História Social (USP), Professora de História UFBA), e, atualmente, Diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Filhos: Luís Alberto Baqueiro Paraíso Borges – Major da PM/BA e Maria Renata Paraíso Lopes – Pedagoga.

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: 6 de Março de 1958 – Ingresso na Polícia Militar como aluno da Escola de Formação de Oficiais, Curso de Formação de Oficiais Intendentes – CF01; 21 de Setembro de 1960 – Declaração de Aspirante a Oficial; 17 de Fevereiro de 1987 – Coronel, por merecimento.

CURSOS: Militares – 1958/1960 – Curso de Formação dos Oficiais da Polícia Militar CFOPM; 1969 – Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – CAO; 1983 – Curso Superior de Polícia Militar – CSPM, na Polícia Militar de Santa Catarina.

CIVIS: 1965/1968 – Licenciatura em História, pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Salvador; 1973/1975 – Gerente de Empresa, pela Escola Baiana de Executivos; 1975 – Curso Monográfico de Metodologia para o Estudo de História Social da Bahia com a Professora Doutora Kátia Matoso, Universidade Católica do Salvador.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL: 1960 – Comandante do Corpo de Alunos do Colégio da Polícia Militar; 1972 – Subcomandante e Subdiretor da Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Graduados; 1977 – Chefe da Divisão Administrativa da Academia da Polícia Militar; 1981 – Subchefe da Casa Militar do Governador; 1983 – Comandante do 7.º Batalhão de Polícia Militar; 1987 – Comandante do 1º Comando de Policiamento de Área; 1987 – Comandante do Policiamento do Interior; 1988 – Comandante do Policiamento da capital; 1990 – Chefe do Estado Maior da Polícia Militar; 1991 – Comandante Geral da Polícia Militar.

OUTRAS FUNÇÕES: Membro efetivo da Comissão de Promoção de Praças; Presidente da Comissão de Promoções de Oficiais; Presidente do Conselho do Mérito da Polícia Militar; Membro Nato do Fundo Especial de Reequipamento Policial – FUNRESCOL; Membro Nato do Conselho Superior da Polícia; Membro da Comissão para elaborar o Almanaque dos Oficiais da Polícia Militar, Ano do Sesquicentenário – 1975.

ATIVIDADES NO HISTÓRICO DA POLÍCIA MILITAR: Membro da Comissão de Estudo do Anteprojeto de Instrução. para Registro Histórico; Presidente da Comissão Executiva Setorial do Registro Histórico – ESFAG; Assessor da Comissão Central Executiva Setorial do Registro Histórico da Polícia Militar da Bahia; Presidente da Comissão Permanente do Histórico da Polícia Militar da Bahia; Membro da Comissão Organizadora das Comemorações do Sesquicentenário da Polícia Militar da Bahia; Membro da Comissão para instalar o Museu Coronel Edgard da Cruz Cordeiro; Coordenador da Comissão de Documentação Histórica da Polícia Militar da Bahia; Coordenador do I Encontro de Saúde Escolar; Presidente da Comissão Organizadora do Centenário do Maestro João Wanderley; Membro da Comissão Encarregada de estabelecer posições e diretrizes para a imediata reativação do Museu da Polícia Militar.

ATIVIDADES DOCENTES: Professor e Instrutor em diversos cursos de Formação de Oficiais e Praças da Polícia Militar da Bahia; Matérias lecionadas: Educação Moral e Cívica, História Militar do Brasil e História da Polícia

Militar da Bahia; Membro integrante de comissões de elaboração de Provas para Concursos nos diversos estabelecimentos de Ensino da Polícia Militar da Bahia.

TRABALHOS PUBLICADOS: Resumo Histórico da Polícia Militar da Bahia, 1825 a 1971 (95 páginas), 1972; Anuário do Resumo Histórico da Polícia Militar da Bahia. 1972, 1973, 1974 e 1975. 150 Anos da Polícia Militar da Bahia, em colaboração com os demais membros da Comissão do Histórico da Polícia Militar da Bahia (244 páginas), Empresa Gráfica da Bahia, 1975; Projeto de implantação da Diretoria de Pessoal (60 páginas), 1976; Regimento Interno da Diretoria de Pessoal (18 páginas), 1976; Indicador de Rotinas para a Diretoria de Pessoal, com um anexo (112 páginas), 1976; Projeto de Implantação da Diretoria de Apoio Logístico (33 páginas), 1976; Proposta de criação de um quadro de funcionários civis para a Polícia Militar da Bahia (15 páginas), 1976; Incorporação à Polícia Militar da Bahia do Corpo de Bombeiros de Salvador (33 páginas), 1976; Almanaque dos Oficiais Comemorativo do Sesquicentenário. 1975; Subsídios para elaboração de diretrizes da ação governamental no setor de segurança pública, 1976; Policiamento Ostensivo-Integrado, em parceria com o Capitão da Polícia Militar Pedro Nascimento Boaventura (73 páginas), 1991.

ATIVIDADES CIVIS-CARGOS E ENCARGOS: Diretor Social do Clube dos Oficiais da Polícia Militar; 2.º Vice-Presidente do Clube dos Oficiais da Polícia Militar; Diretor Financeiro do Esporte Clube Bahia; Assistente Técnico da Comissão Organizadora de X Reunião Brasileira de Antropologia, realizada pela Associação Brasileira de Antropologia, sob a presidência do Professor Thales de Azevedo; Membro do Conselho Fiscal da Associação de Arqueologia e Pré-História da Bahia; Membro da Comissão Assessora da Diretoria Executiva da Liga Baiana Contra o Câncer; Secretário-Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

TRABALHOS: Participação na pesquisa de campo, realizada pelo Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão e orientação do Professor Pedro Agostinho da Silva, com os índios Pataxós, em Barra Velha, município de Porto Seguro, Estado da Bahia, 1971; Participação nas escavações de sambaquis, realizadas pelo Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Professor Calderon Valentim, em Porto dos Santos, Ilha de Itaparica, Estado da Bahia, 1972; Participação nas escavações de sambaquis, realizadas pelo Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Professor Pedro Agostinho da Silva, da Fazenda Cedro, município de Estância, Estado de Sergipe, 1972; Participação na Exposição Etnográfica Índios do Brasil, realizada pela Coordenação Central de Extensão e pelo Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, 1973; Participação na pesquisa de campo, realizada pela Fundação Nacional do Índio, sob a orientação da Antropóloga Maria Hilda Baqueiro Paraíso, no Posto Indígena Caramuru Paraguaçu, no município de Itajá do Colônia, Bahia. 1976.

MEDALHAS E CONDECORAÇÕES: Medalha Comemorativa dos Feitos Heroicos da Bahia, 1975; Tempo de Serviço – BRONZE, 1975; Mérito Marechal Argollo, visconde de Itaparica, 1978; Mérito Polícia Militar, 1979; Tempo de Serviço — PRATA, 1980; Ordem do Mérito da Bahia, na Classe de Comendador, 1981; Ordem do Mérito da Liga Baiana Contra o Câncer, no Grau de Cavaleiro, 1987; Thomé de Souza, concedida pela Câmara Municipal de Salvador, 1988; Tempo de Serviço — OURO, 1989; Pernambuco do Mérito Polícia Militar, PM/PE, 1991; Ordem do Mérito Polícia Militar Coronel Fontoura, PM/Pará, 1991.

OUTRAS HONRARIAS: Homenagens e Moções dos Poderes Legislativo e Judiciário, Conselhos e outros; Título Honorífico de Cidadão Cachoeirano, concedido pela Câmara Municipal de Cachoeira, 1991; Moção de Congratulações da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1988; Moção de Congratulações da Primeira Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, 1991; Moção de Congratulações do Tribunal de Justiça da Bahia, 1991; Moção de Congratulações do Tribunal Regional do Trabalho, 1991; 20 Moções de Congratulações da Câmara Municipal de Salvador; 40 Diplomas de Sócio Benemérito e Amigo de entidades esportivas e carnavalescas de Salvador. Entidades Culturais Sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Sócio da Associação de Arqueologia e Pré-História da Bahia; Sócio Aguadeiro Honorário do Centro de Memória de Água da Bahia.

(Dados autobiográficos, recolhidos pelo consócio José Nilton Carvalho Pereira.)



13.º SECRETÁRIO-GERAL

SOANE NAZARÉ

Período: 2006-2007

SOANE NAZARÉ nasceu em Uruçuca-BA (5/8/1933 –). Estudou em Ilhéus, na Escola Afonso de Carvalho e no Instituto Municipal de Ensino (IME). Em Salvador, estudou no Colégio da Bahia (Central) e na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, colando grau em 1953. De seu casamento com Heloísa Cavalcante Andrade teve quatro filhos: Ana Virgínia, Luís Frederico, Soane Jr. e Maria Valéria.

Foi professor no IME; diretor da Penitenciária do Estado da Bahia; fundador, diretor e professor de Direito Constitucional e Direito Político da Faculdade de Direito de Ilhéus; chefiou o gabinete do Ministro das Comunicações Carlos Simas, em 1968-1969; Delegado do Brasil na Conferência das Comunicações (via satélite), em Genebra, Suíça, 1969; idealizador e primeiro Reitor da Universidade do Mar e da Mata (Maramata), em Ilhéus.

Tornou-se membro da Academia de Letras de Ilhéus (25/6/1981), na cadeira 32, fundada por Flávio de Paula e patronato de Pethion Villar. Candidato a Prefeito de Ilhéus (partido PFL, 2004), não se elegeu. Teve seu nome acolhido para denominar o campus da Universidade Estadual de Santa Cruz, onde lecionou e foi Reitor. No período (2006-2007) tornou-se Secretário-Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

(Dados autobiográficos, recolhidos pelo consócio José Nilton Carvalho Pereira.)



14.º SECRETÁRIO-GERAL

SÉRGIO MATTOS

Período: 2008-2009

SÉRGIO SOARES MATTOS, consagrado professor, compositor, poeta e jornalista, nasceu em Fortaleza-CE (1/7/1948) e mora na Bahia desde o final da década de cinquenta. Doutor em comunicação pela Universidade do Texas (Austin, EUA, 1962), foi professor da Faculdade de Comunicação da UFBA (1976-1997). Vice-presidente da Associação Baiana de Imprensa (ABI), é professor no curso de Jornalismo e Publicidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Vivenciou mais de cinquenta anos de jornalismo, literatura e mais de 40 no magistério do Ensino Superior.

Como jornalista, integrou a equipe fundadora do jornal Tribuna da Bahia e, no jornal A Tarde, editou famosos suplementos como o Jornal de Utilidades, A Tarde Rural e A Tarde nos Municípios. Na Ciência da Comunicação conquistou o Prêmio Luís Beltrão (2000), quando foi saudado como cidadão do mundo. É um prolífico autor, com mais de cinquenta livros publicados, numa vitoriosa carreira de mais de cinco decênios. Por alguns anos, até agosto de 2007, foi diretor da COEPP – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação da UNIBAHIA (Lauro de Freitas-BA). Em 2008 exerceu a coordenação do curso de Jornalismo da Faculdade Cidade do Salvador.

Principais obras: a) POESIA: Nas teias do mundo (1973); Time's Sentinel (1979); Trilha poética (1998); Éten-dard (1998); Fio condutor (2006); Essência poética (2011). b) PROSA: A batalha de Natal (1978); Amadeu, um bandido nordestino (2008); As confissões sexuais de Maria Francisca (2008); Abre-te, Cuba (2009); Só você pode, Jayme (2009, perfil biográfico de Jayme Ramos de Queiroz); O guerreiro midiático (2010, biografia de José Marques de Melo); Um cidadão prestante (2014, entrevista biográfica com Edivaldo Machado Boaventura); Vida privada no contexto público (2015, uma de suas obras-primas); Leitura em primeira mão (2017).

Sérgio Mattos foi Secretário-Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (2008-2009), além dirigir a revista oficial da Casa da Bahia por muitos anos. Atualmente é professor associado de curso de Jornalismo na internet: www.sergiomatos.com.br

(Dados autobiográficos, recolhidos pelo consócio José Nilton Carvalho Pereira.)



15.º SECRETÁRIO-GERAL

EDMAR ROCHA TORRES

Período: 2010-2013

EDMAR ROCHA TORRES nasceu em Salvador (23/1/1944), filho do engenheiro civil, Emar do Prado Torres e da professora Benedita Angélica Rocha.

Estudou na Escola Nossa Senhora da Guia (curso primário), na Boa Viagem; curso ginásial e científico no Colégio de Aplicação, anexo a Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, em Nazaré. Na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia concluiu o curso de Engenharia Civil, em 1967.

Concursos de que participou: ainda acadêmico, em 1966, o grupo Pignatari promoveu: “A importância do cobre para o Brasil”, e Edmar alcançou o primeiro lugar, com direito a dois prêmios: a) uma viagem a São Paulo para conhecer o Parque Industrial do grupo Pignatari e uma visita à mina de cobre existente no Rio Grande do Sul, também de propriedade dessa empresa; b) o segundo prêmio era uma colaboração, quando a empresa tivesse aprovado seu projeto junto aos órgãos específicos: a mineração, refino e industrialização da jazida da sua propriedade, no município de Jaguarari-BA.

Ao concluir o curso de engenheiro, em concurso público no Departamento de Estradas de Rodagem do Estado da Bahia (DERBA), conseguiu a primeira colocação e foi nomeado engenheiro-residente, no município do Morro do Chapéu. Em virtude da doença dos pais (só tinha duas irmãs menores), pediu demissão para ajudar à família.

Em 1968, ingressou na Construtora José Lima Ribeiro, como engenheiro responsável por executar obras residenciais em Salvador (casas e edifícios). Em 1971, a Caraíba Metais, teve seu projeto aprovado pela Sudene, e Edmar foi convocado para integrar a equipe, com a missão de detalhar o projeto da indústria, vila, estrada de acesso à mina, energização das áreas, construção de aqueduto, aeroporto, etc

Como primeiro-engenheiro, desenvolveu outras atividades, auxiliando o grupo de geologia e o jurídico para conseguir as autorizações junto ao Ministério de Minas e Energia. Indispondo-se o Presidente, Sr. Pignatari, com os órgãos governamentais, sofre a companhia intervenção do BNDES. Convidado a permanecer no cargo, em virtude do conhecimento sobre diversas áreas, declinou do convite por lealdade ao Presidente.

Posteriormente, prestou serviços ao grupo pernambucano Beton, tendo realizado mais empreendimentos residenciais em Salvador, além de dirigir a ASPEB do mesmo grupo (Associação de Poupança e Empréstimos da Bahia). Em 1975 houve mudança do controle acionário da holding e Edmar resolveu demitir-se.

No ano 1975, ingressou como engenheiro e procurador na empresa Morada Incorporações, edificando alguns prédios residenciais, em Salvador, até 1979. Nesse ano, a convite de Ângelo Calmon de Sá, ingressou no Grupo Econômico, inicialmente como gerente da trading de Comércio Externo. No ano seguinte, nomeado diretor, criou o departamento de café e construiu usinas no interior do Estado. Em 1986 passou a diretor superintendente.

Em 1989, a empresa o designou como diretor para a CST Expansão Urbana (incorporadora), realizando alguns empreendimentos, também em Salvador. Em 1992 foi convocado para dirigir a Econômica – holding do grupo que abrangia Usina e Açúcar, Copene, Politen, Polialden, Cata Nordeste, Netacril, Cigame, CST, Cajuba, além de fazendas de gado, cacau e café.

À época, Edmar Torres realizou o maior loteamento do estado, o Canto Verde com 15.000.000 m², em Amélia Rodrigues, com 43 km de loteados, energia elétrica, com aprovação e execução das obras em 18 meses. Em dezembro de 1994 demitiu-se do grupo Econômico e, em janeiro de 1995, abriu uma cadeia de lojas para os filhos, no ramo de material esportivo, que funcionaram até 2011, quando as vendeu.

Outras atividades profissionais: a) construção de casas no loteamento Itaigara; ampliação da subestação elétrica da COELBA, em Cajazeiras (Salvador); c) construção do galpão da White Martins na BR-324, a 4 km de Salvador. Em 1980, comprou uma fazenda de pecuária no município de Feira de Santana. Instalou um sistema de irrigação, mas vendeu-a, em 1993, desestimulado por secas devastadoras.

Aos 73 anos em 2018, confessa Edmar Torres: “- Tenho uma companheira inseparável, filhos encaminhados na vida e plantei milhares de árvores. Só falta editar um livro, que já o tenho escrito. Assim, da existência não posso exigir mas nada, a não ser saúde e paz para minha família.”

Sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Edmar Torres foi Secretário-Geral (2010-2013), na mesma casa em que seu avô – Epaminondas dos Santos Torres – tornou-se um dos mais destacados presidentes na primeira metade do século pretérito (1938-1949).

(Dados encaminhados pelo próprio homenageado ao consócio José Nilton Carvalho Pereira.)

16.º SECRETÁRIO-GERAL

NEWTON CLEYDE ALVES PEIXOTO

Período: desde 2014



NEWTON CLEYDE ALVES PEIXOTO nasceu em Vitória da Conquista-BA, filho de Antônio Alves Peixoto e Anízia Moura Peixoto. Iniciou o aprendizado das primeiras letras no Jardim da Infância da Escola Luiz Tarquínio, em Itapagipe, Salvador. Fez o curso primário no Colégio Dom Macedo Costa e Escola Getúlio Vargas; o ginásio, no Instituto Normal da Bahia, atual Instituto Central de Educação Isaías Alves – ICEIA, no Barbalho, e o curso colegial, no Colégio Estadual da Bahia — CENTRAL, no bairro de Nazaré.

Pai de três filhos: Patrícia Farias Peixoto Martins, médica; Fábio Farias Alves Peixoto, bacharel em Comunicação na área de relações públicas e Roberta Farias Alves Peixoto, médica veterinária.

Estudou e concluiu o curso de Bacharelado em Direito na Universidade Católica do Salvador (1964-1968), quando abandonou a atividade de bancário para dedicar-se à profissão de advogado. Quando estudante, participou de várias atividades sociais no grêmio do Colégio Central e no Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador.

Inscriveu-se na Seccional Baiana da OAB no ano de 1969, sob nº 2990, e sempre manteve o seu endereço profissional no centro da cidade do Salvador, há mais de 40 anos estabelecido na Rua Chile, Edifício Desembargador Bráulio Xavier, salas 607/608/609.

Exerce, única e exclusivamente, a profissão de advogado nas áreas cível, família, comercial e trabalhista. Nessa última, predominantemente, no assessoramento de empresas e com vasta experiência no ramo do direito imobiliário.

Integrou o Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil — Seção Bahia, no biênio 1991-1993, como Conselheiro Estadual, Presidente da Comissão de Seleção e Prerrogativas e membro da Comissão de Agilização de Processos.

Retornou ao Conselho Seccional da OAB-BA, no biênio 1993-1995, agora integrando a Diretoria da entidade no cargo de Primeiro Secretário, cumulando suas atribuições com a de presidente da Comissão de Seleção e Prerrogativas; Membro Curador da Escola Superior de Advocacia Orlando Gomes – ESSAD; Membro do Conselho Fiscal do Plano de Saúde OAB-SALUS; Membro titular da Comissão Central de Elaboração e Coordenação do Concurso Público para provimento de Cargo de Juiz do Trabalho Substituto da 5.ª Região, bem assim, como Membro da Comissão de Coordenação do Concurso Público para provimento de vaga para Juiz Federal.

Eleito presidente da ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL — SEÇÃO BAHIA, dirigiu a entidade no triênio 1995 a 1997, ocupando, o cargo de presidente da COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA OAB-BA. Durante sua gestão imprimiu notáveis destaques institucionais à entidade, além de implementar atividades de auxílio e proteção aos advogados. Projetou, construiu e inaugurou o Centro de Cultura João Mangabeira, edifício com sete pavimentos, cinco dos quais destinados a garagens e dois pavimentos, abaixo do solo, para abrigar um teatro; prédio erigido na Rua do Carro, bairro de Nazaré, defronte do Fórum Ruy Barbosa, o qual abriga, também, a Escola Superior de Advocacia Orlando Gomes, Livraria, Posto Médico, Cafeteria, Escritórios Expressos para advogados

e outros setores de atendimento da Caixa de Assistência dos Advogados, não só ampliando o patrimônio material da instituição, mas, sobretudo, proporcionando maior conforto e segurança aos advogados para estacionar seus veículos na fatigante tarefa de promover a tramitação de seus processos no Fórum da Capital.

PRINCIPAIS CARGOS E FUNÇÕES:

- Integrante do INSTITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS - IAB, como membro permanente desde 1996, cuja instituição fundada no Governo do Império do Brasil, em 7 de agosto do ano de 1843, portanto, com 174 anos, sendo a entidade responsável pela criação da Ordem dos Advogados do Brasil. Congrega, através de rigorosa seleção, renomados advogados de todo o país: Juízes, Membros do Ministério Público e Ministros. Tem sua sede na cidade do Rio de Janeiro;
- Conselheiro Federal da OAB como membro titular no triênio 2004-2007, compôs a bancada do Estado da Bahia no Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, desempenhando atividades na Segunda Câmara de julgamento de processos disciplinares, bem assim, no Órgão Especial da OAB, que corresponde à última instância dos processos administrativos, com ampla participação e relatorias no Conselho Pleno da Ordem. Atualmente figura como Membro Honorário Vitalício da OAB/BA;
- Integrante do Rotary Clube Salvador (Pituba, Distrito 4550), exerceu várias funções administrativas nesta instituição, guindado ao cargo de Secretário no período 2009-2010 e Presidente no período 2010-2011;
- Sócio majoritário da sociedade Newton Cleyde Peixoto - Advogados & Consultores Associados s/c, criada em 1995, estabelecida na Rua Chile, n.º 231, Edf. Desembargador Bráulio Xavier, conjunto 607/608/609, Centro, Salvador, Bahia;
- Membro titular do Conselho Jurídico da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, atualmente denominada Santa Casa da Bahia;
- Membro Permanente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – IGHB, instituição secular de pesquisa e estudo da geografia, história e exaltação da cultura no estado da Bahia, onde exerce a função de Secretário-Geral, desde 2014;
- Sócio permanente do Abrigo do Salvador, entidade reconhecida como de utilidade pública no âmbito municipal, estadual e Federal pela prestação dos relevantes serviços de proteção e auxílio aos idosos, bem assim, às crianças desamparadas.

(Dados autobiográficos de Newton Cleyde Alves Peixoto, recolhidos pelo consócio José Nilton Carvalho Pereira.)